

# PESCA DE BORQUEIO: PATRIMONIO IMATERIAL DO BAIXO TOCANTINS

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU ESPECIALIZAÇÃO EM EXTENSÃO, INOVAÇÃO SOCIOAMBIENTAL E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS AGROALIMENTARES — AGIS

Ana Carolina Rodrigues da Cruz,  
Orientação Dr<sup>a</sup> Sônia Magalhães



**PROEX**  
Pró-Reitoria de Extensão | UFPA



**FADECAM**  
Faculdade de Formação e  
Desenvolvimento do Campo



Ilustração do borqueio—Por Malon Gonçalves.

“Trabalho desenvolvido no âmbito do NEA GEDAF: Teias de Inovação Agroecológica e Desenvolvimento de Sistemas Agroalimentares com o apoio do **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq**” e dos **órgãos financiadores da Chamada CNPq 21/2016, a saber: MAPA, MCTIC, MEC e SEAD – Casa Civil.**



MINISTÉRIO DA  
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,  
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES

MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO

MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA, PECUÁRIA  
E ABASTECIMENTO

SECRETARIA ESPECIAL DE  
AGRICULTURA FAMILIAR E DO  
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

CASA CIVIL



## APRESENTAÇÃO

---

Desenvolvido no âmbito do curso de Pós-Graduação Lato Sensu Especialização em Extensão, Inovação Socioambiental e Desenvolvimento de Sistemas Agroalimentares -AGIS, o presente trabalho baseia-se em pesquisa desenvolvida no Rio Maúba, no período de outubro/18 a janeiro de 2019. Tem como objetivo arrolar elementos iniciais para a elaboração de uma proposta de reconhecimento da “pesca de borqueio” como patrimônio imaterial do Baixo Tocantins.

O patrimônio cultural brasileiro é constituído dos bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, incluindo as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver (BRASIL, 1988).

O patrimônio imaterial é aquele passado de “geração a geração”, um conhecimento transmitido em função do meio, das mais diversas interações com a natureza, da própria história, é a provocação de um reconhecimento, uma identidade e continuidade por parte do indivíduo. Tal patrimônio contribui para a promoção do respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Conforme Bastos *et al.* (2010) a região de integração Tocantins, apresenta duas realidades muito distintas na sua ocupação: a mais tradicional, a ribeirinha que se ocupa de pluriatividades que se baseiam em extrativismo vegetal, pesca e agricultura familiar; e a imigrante se ocupando de atividades agropecuárias e madeireiras junto às rodovias estaduais.



Entrada do Rio Maúba — Arquivo pessoal.

## O RIO MAÚBA

O rio Maúba, está localizado em região fronteiriça em que a margem direita do rio encontra se a ilha Maúba pertencente ao município de Igarapé Miri, e a margem esquerda a Ilha Paruru, pertencente ao município de Abaetetuba, Pará. Possui vegetação composta por palmeiras como os açaizeiros e miritizeiros, as aningas típicas das áreas de várzea, e espécies madei-

reiras e frutíferas. A fauna silvestre composta por preguiças, tatus, camaleões, saracurus, ciganas entre outros. Quanto a produção pesqueira tem se destaque ao mapará (*Hypophthalmus edentatus*), pescadas (*Cynoscion spp.*), douradas (*Brachyplatystoma spp.*), entre outras espécies de menor porte e os crustáceos, com destaque para o camarão regional (*Macrobrachium amazonicum*).



Croqui feito pelos moradores – Rio Maúba.

Relatos de prática de borqueio!



Rio Maúba — Arquivo Pessoal.



**Legenda**

- Drenagem
- Hidrografia
- Pará

**Espaços Sociais**

- Moradia
- Igreja
- Cemitério
- Campos de Futebol
- Escola João Bosco
- Escola Jesus e as Crianças
- Canitito

**Áreas Conflitos e Impactos Socioambientais**

- Área de Conflito
- Açaqueiro
- Borqueio
- Assoreamento
- Rabudinho
- Matsipi
- Fábrica de Hamito
- Açaqueiro
- Oliaria

**Geração de Renda**

- Cultivo de Casau

**Inovação Sociotécnica:**

- Linhas
- Apazeiro
- Rabudinho

**Mudança Socioespacial:**

- Cultivo de Casau

**Realização:** Comunidade Maúba e Ilha Paruru / GEDAF / PNCSA

**Supervisão Cartográfica:** Equipe de Pesquisa de campo: Ana Carolina Rodrigues da Cruz, Max José Costa e Costa, Nilma Batista Pinto, Roman Luis Silva de Souza, Thalissa Gabriela Guirão Martins

**Coordenação Geral:** Aquiles Simões, Eliana Telles

**Elaboração dos croquis:** Membros da comunidade Maúba

**Cartografia e Edição Gráfica:** Guilherme Jorge T. Rodrigues, Sistema de Coordenadas Geográficas, Datum: Srasg 2000, Fone: IBGE 2017, Base Cartográfica: IBGE 2017



A bibliografia sobre os tipos de captura de pescado na região destaca “a pesca de borqueio” como um tipo especial que se caracteriza, de acordo com Holanda (2018), pelo conjunto “de significados e representações simbólicas, pois envolve um conjunto de elementos que privilegia a relação homem-natureza. Nesta atividade o saber es-

pecífico do pescador assume um papel central, desde a identificação do cardume do mapará, a organização do trabalho coletivo, o processo de comercialização até o beneficiamento da produção. De modo que, os pescadores desenvolvem seus conhecimentos através do saber cotidiano adquirido pelo trabalho desempenhando por ele e por

seus antepassados (MARTINS, 2011)”. Espécies como o mapará, pescada e tainha são os principais alvos desse tipo de captura.

Pescadores de Maúba, conhecedores da técnica, manifestam o desejo de que este conhecimento seja preservado. Conforme expõe um pescador local:

*“Que eles pudessem tá fazendo um vídeo quando estão borqueando para tá guardando e até lançando na internet para saber que aquela comunidade do Maúba existe como pescadores.” Pescador A, dezembro de 2018.*

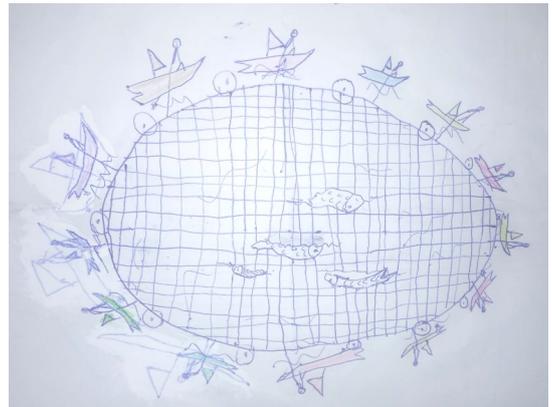


Ilustração do borqueio—Por Rosivaldo.

## IPHAN— Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Decreto N° 3.551/2000 institui o registro de bens culturais de natureza imaterial que consti-

tuem patrimônio cultural brasileiro, onde as propostas para registro, acompanhadas de sua documentação técnica, serão dirigidas ao Presidente do IPHAN, que as submeterá ao Con-

selho Consultivo do Patrimônio Cultural. Os conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades serão notados no Livro de Registro dos Saberes.

## CONHECIMENTO POPULAR

---

Segundo Silvano (2004), estudos abordando simultaneamente o conhecimento popular das populações e o conhecimento científico podem ser potencialmente relevantes tanto para os pescadores como para os cientistas. Os pescadores são reconhecidos como povos tradicionais, de acordo com o Decreto Nº6040 de 7 de fevereiro de 2007.

Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (Art. 3º. Decreto nº6040 de 7 de fevereiro de 2007)

O modo, os gestos, significados, definição dos apetrechos, espécies, etnoconecimentos são repassados pela oralidade, troca de experiências, pelo fazer cotidiano de uma geração a outra. O conhecer a natureza, demonstra a importância da valorização dos saberes locais e tradicionais.

A pesca de borqueio na região do Baixo Tocantins pode acontecer de março a outubro enquanto é permitida a pesca na região, pois conforme a Instrução Normativa Interministerial Nº 13, de 25 de outubro de 2011 o período de defeso da bacia hidrográfica do rio Tocantins é de 1º de novembro a 28 de fevereiro. É uma atividade praticada em quase toda a região, principalmente nos municípios a jusante da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, tais como: Limoeiro do Ajuru, Cametá, Igarape Miri, Abaetetuba, Mocajuba.

Recentemente, tem-se constituído em atração turística principalmente nos municípios de Limoeiro do Ajuru e em Cametá, onde já há a o reconhecimento do borqueio como um evento. Geralmente no dia 1º de março, o qual é o tão esperado dia de “abertura da Pesca”, conta com a presença de diversas pessoas da região e de fora dela, canais de jornalismo e outras mídias.

## ATORES

---

A prática de borqueio envolve diversos atores como o taleiro, o mergulhador, os pescadores, o cozinheiro, o dono, os curiosos, cada um com sua função:

Taleiro – é o responsável por encontrar o cardume a ser pescado, ele segue em um casco a remo até os pontos propícios a pesca da espécie alvo e utiliza uma tala, ou linha, ou até sonda.

Pescadores ou turma – são os demais pescadores participantes da prática de borqueio.

Remadores – conduzem os pescadores nos cascos durante toda a atividade.

Batedores da água – são os responsáveis em induzir os peixes rede adentro.

Mergulhador – é o responsável em cerrar os cabos da rede, isto é, mergulha por debaixo da rede já colocado no rio e fecha os cabos, formando da rede uma espécie de “saco”.

Cozinheiro – responsável pela alimentação da turma; por ser um trabalho pesado e de longa duração faz-se necessária a presença de alguém que faça a “merenda”.

Dono da pescaria – em geral, é o proprietário da embarcação de maior porte e da rede utilizada na prática.

## A PESCA

---

A pesca de borqueio começa com a condução dos pescadores até um ponto considerado em potencial para a pesca. Este deslocamento acontece por uma embarcação grande que geralmente é uma geleira, a qual traz consigo diversos cascos menores presos. Em geral tal barco geleira pertence ao dono da rede, pescador local. O Pescador B, resume a prática:

*“São dois taleiros, dois cascos com rede, no qual estão 8 a 10 pescadores que remam pra cercar o peixe e uma a duas pessoas que servem pra bater a água.” Pescador B, dezembro de 2018.*

Quanto ao trabalho do(s) taleiro(s) o pescador C, explica o que acontece da seguinte forma:

*“anda com uma tala e a linha, no lugar mais seco usa a tala e no lugar mais fundo usa a linha com ferrinho na ponta e vai levando, na hora que encosta o peixe eles chamam os cascos a remo”*  
Pescador C, dezembro de 2018.



Ilustração Borqueio — Moradores locais.

A tala de palmeira é utilizada em poços (chamado para partes mais profundas de um rio) mais rasos, já a linha de costura é mais para o fundo e na ponta da linha tem um chumbo amarrado fazendo assim o papel de sonda. Quando estes começam a tremer e um limo aparece na superfície significa cardume presente, principalmente quando o peixe alvo é o mapará. Quando a pesca objetiva a captura da pescada, os pescadores afirmam que é possível escutar um ronco no fundo sinalizando assim a presença da espécie.

Quando encontrado o cardume, o taleiro balança o remo sinalizando para

a turma, os demais pescadores, que é chegado o momento de se aproximarem em cascos pequenos também conduzidos a remo para não espantar o peixe e assim jogar a rede ou o puçá (pesca essa com menor número de pescadores e embarcação). A rede utilizada, em geral, é feita de nylon e malha de 20mm ou 25mm, e só leva o cabo do chumbo.

Colocada a rede ou puçá no poço, alguns da turma, os batedores, se jogam na água e promovem a moponga, que são os gestos de bater a água com as mãos e pés, a fim de conduzir os peixes para dentro da rede.



Embarcações a remo, com a rede —  
Renan Sousa.

E ainda nesse momento o(s) mergulhador (es) vai pelo fundo da rede passando os cabos por de baixo encaixando e trançando os cabos unindo assim a rede. Para ser mergulhador é necessário que tenha preparo físico e não esteja embriagado devido as grandes profundidades que precisa enfrentar, além do risco de se prender na rede, evitando qualquer tipo de acidente.

Quando utilizada a rede de puçá, considerada ideal em lugares com maior profundidade com 20 a 30 braças (equivalente a aproximadamente 36 a 50 metros), em geral são utilizadas duas embarcações e o mergulhador só entra na água caso o puçá encoste ou se prenda em algo. A rede de puçá possui argolas para bóias e pode puxar 2 a 3 toneladas de peixes.



Barco Geleira- Arquivo Pessoal.

## ESPECIES CAPTURADAS

Dentro dos espécimes capturados pelas redes, além da espécie alvo podem vir filhotes (*Brachyplatystoma spp.*), pirararas (*Phractocephalus spp.*), douradas (*Brachyplatystoma spp.*), sardas (*sarda spp.*), pescadas (*Cynoscion spp.*), mandubés (*Ageneiosus spp.*), maravalhas, entre outros peixes.

Quando os peixes já estão presos à rede, é o momento que embarcações de maior porte como por exemplo a geleira que conduz no primeiro momento os cascos a remo, se aproxima para acondicionar os peixes. Estes peixes são retirados das redes com auxílio de paneiros e/ ou basquetas.



Peixe Dourada — Arquivo Pessoal.



Peixe Pirarara — Edésio Pinheiro.



Peixe Pescada — Arquivo Pessoal.

## A DIVISÃO DO PESCADO

---

A divisão dos peixes e dos lucros pode ser variada:

⇒ Divisão feita em partes iguais na beira no desembarque e cada um faz o que quiser com sua parte - vender e/ou consumir.

⇒ Empreita - o “dono da pescaria” é o dono da rede e conforme o valor obtido pela venda dos pescados é pago despesas geradas pela atividade como o rancho, o cozinheiro, o combustível das embarcações. E o valor excedente é dividido entre os pescadores participantes da ação de acordo com a função de cada um. Em geral o pescado é repassado a marreteiros, que levam o produto para vender e depois retornam para o ajuste de contas com o responsável pela pescaria.

## O CONHECIMENTO

---

Os pescadores envolvidos estão desde criança (com a idade aproximada de 11 anos) acompanhando a prática, seja da terra ou em canoas. Neste caso, acompanham algum ator, geralmente pai ou tio ou avô. Esse sistema de acompanhamento está na base do aprendizado das técnicas e do conhecimento sobre o comportamento das espécies.

Conforme descrito, este sistema de conhecimento e técnica tradicional, bem como a rede de sociabilidade e de símbolos que ele articula contém os requisitos necessários para subsidiar a

demanda de seu reconhecimento como patrimônio imaterial. O processo de reconhecimento, por sua vez, demanda a organização das comunidades em articulação com a universidade, isto é, com pesquisadores que trabalhem com o tema e com lideranças sociais e políticas locais para que a proposta seja adequadamente submetida ao IPHAN. Nas palavras do pescador anteriormente citado, este seria também um reconhecimento da identidade, do saber e do lugar que eles querem ver preservados.

## BIBLIOGRAFIA

---

Ana Paula Bastos, Oriana Almeida, Edna Castro, Rosa Acevedo, Márcia Pimentel, Sérgio Rivero, Ione Silva, Isaac Torres. Economia e sociedade na região do Tocantins, Pará. Paper do NAEA 259, Março de 2010 ISSN 15169111

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL Instrução Normativa Interministerial Nº 13, De 25 De Outubro De 2011.

BRASIL. Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

HOLANDA, Bianca. Memória Social Sobre A Pesca – Transformações Socioambientais A Jusante Da Barragem De Tucuruí. Projeto de pesquisa apresentado ao PPGAA/MAFDS, UFPA, 2018. (refazer corretamente de acordo com ABNT)

MARTINS et al. Seletividade Da Rede Malhadeira-Fixa Para A Captura Do Mapará, *Hypophthalmus marginatus*, No Reservatório Da Usina Hidrelétrica De Tucuruí, Estado Do Pará, Brasil. Bol. Inst. Pesca, 37(2): 123 – 133, 2011

Silvano, R.A.M. 2004. Pesca artesanal e etnoictiologia, in Ecologia de pescadores da Mata Atlântica e da Amazônia. Organizado por A. Begossi, pp. 185-220. São Paulo: HUCITEC.

IPHAN. Decreto Nº3.551 de 04 de agosto de 2000. Registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro. Programa Nacional do Patrimônio Imaterial

---

## AGRADECIMENTOS

À Deus, pois sem Ele nada é possível.

Agradeço aos meus pais Raimundo Adil e Regina pelo apoio, incentivo e exemplo de vida. A meu irmão Rodolfo, ao Marcelo e ao João pelos momentos de paciência e amizade.

Aos colegas de turma, com os quais convivi, aprendi e tive o prazer de conhecê-los. Em especial a equipe “maubeiros”: Max, Nilma, Renan e Thalissa, os quais não mediram esforços para contribuir até aqui.

Aos professores do Curso de Especialização da UFPA– Campus Abaetetuba, pelos conhecimentos transmitidos durante todo o curso. Em especial a professora Sonia Magalhães, pela orientação neste trabalho; a Professora Eliana Teles por todas contribuições, ao professor Francinei Bentes pelo apoio a equipe Maúba, ao professor Aquiles que sempre esteve ali desafiando nos.

As famílias moradoras do Rio Maúba, do Igarapé Maubinha, aos funcionários e alunos da Escola São João Bosco, que se abriram para o diálogo, compartilhando seus conhecimentos e hospitalidade.

À todos os cientistas presentes em minhas referências bibliográficas, pois nada conseguiria sem o somatório dos esforços deles.

Enfim, à todos que de alguma forma contribuíram até aqui.

---



“Trabalho desenvolvido no âmbito do NEA GEDAF: Teias de Inovação Agroecológica e Desenvolvimento de Sistemas Agroalimentares com o apoio do **Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq**” e dos **órgãos financiadores da Chamada CNPq 21/2016, a saber: MAPA, MCTIC, MEC e SEAD – Casa Civil.**



MINISTÉRIO DA  
CIÊNCIA, TECNOLOGIA,  
INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES

MINISTÉRIO DA  
EDUCAÇÃO

MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA, PECUÁRIA  
E ABASTECIMENTO

SECRETARIA ESPECIAL DE  
AGRICULTURA FAMILIAR E DO  
DESENVOLVIMENTO AGRÁRIO

**CASA CIVIL**

